

Caracterização dos usos metafóricos associados ao superlativo absoluto sintético em *altíssimo* e *baixíssimo*

JÉSSICA DE OLIVEIRA DA COSTA¹;
LILIANE DA SILVA PRESTES-RODRIGUES²

¹Bolsista PIBIC/CAPES UCPel – jessica.costa23@hotmail.com

²UCPel – prestesliliane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, a partir de dados de corpus escrito do português brasileiro, o comportamento de construções em que constam os adjetivos qualificadores dimensionadores (segundo a tipologia apresentada por CASTILHO, 2010) “alto” e “baixo”, associados ao superlativo absoluto sintético, resultando em *altíssimo(a)* e *baixíssimo(a)*. Mais especificamente, são de interesse os tipos de usos metafóricos associados a tais derivações.

A visão de metáfora que fundamenta a pesquisa distancia-se da concepção tradicional, segundo a qual este é um fenômeno ligado à literatura e à estilística. Entende-se, de acordo com os preceitos da Linguística Cognitiva, que a metáfora consiste em um processo cognitivo fundamental para a vida humana, na medida em que viabiliza a compreensão de diferentes aspectos das experiências. Segundo SARDINHA (2007, p. 14), as metáforas “são ditas porque existem na nossa mente, como meios naturais para estruturar nosso pensamento”. Assim, metaforizar é uma forma de compreender o mundo. Através da metáfora, o ser humano consegue expressar de maneira mais econômica grande quantidade de informação (SARDINHA, 2007). “O nosso sistema conceptual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é essencialmente metafórico por natureza” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p. 03), sendo a metáfora responsável pela criação de sistemas conceituais de vários tipos (LIMA *et al.*, 2008, p. 128).

Não basta, entretanto, defender a centralidade da metáfora. A alegação de sua relevância tem conduzido os pesquisadores a debruçarem-se sobre seus mecanismos e sua dinâmica. LAKOFF e JOHNSON (2002) elaboraram a Teoria da Metáfora Conceptual. Como processo mental, a metáfora envolve “domínios conceptuais distintos, como um mapeamento (...), por uma série de correspondências ontológicas e epistêmicas, da estrutura de um domínio (origem) num outro (alvo), passado este a ser entendido em termos daquele” (SILVA, 2006, p. 122). Pode-se exemplificar o conceito com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, que viabiliza usos como *Seus argumentos são indefensáveis* e *Suas críticas foram direto ao alvo*. Por trás desses usos está toda uma concepção, culturalmente construída, de que há elementos comuns entre discussão e guerra de modo que este, o domínio-origem, forneça atributos para caracterizar aquele (o domínio-alvo). Nas palavras de SARDINHA (2007, p. 22), “metáfora seria uma transferência de sentido de uma coisa para outra”.

Os autores distinguiram três grandes tipos de metáforas conceptuais: ontológicas, orientacionais e estruturais. As metáforas ontológicas equiparam atividades, sentimentos, emoções e ideias a entidades e substâncias (ex.: *gastar tempo* – TEMPO É DINHEIRO; *Estou enferrujado* – CORPO É MÁQUINA). As metáforas orientacionais proporcionam orientação espacial a conceitos abstratos (ex.: *Hoje eu estou para cima, meu astral subiu* – FELIZ É PARA CIMA). Já as metáforas estruturais envolvem a presença de domínios neutros (ex.: *Estou*

fervendo de raiva – domínio do fogo para expressar emoções) (LAKOFF e JOHNSON, 2002; SILVA, 2006).

Cabe salientar que, para essa perspectiva, “as metáforas conceituais não são arbitrárias, antes se fundamentam na experiência humana mais básica (...). A metáfora é, assim, um dos elementos fundamentais do experiencialismo (...) do pensamento e da linguagem” (SILVA, p. 133). Assim, as estruturas diretamente significativas para o ser humano derivam de sua experiência corporal (LIMA *et al*, 2008, p. 128) através desses processos muitas vezes inconscientes e automáticos.

2. METODOLOGIA

O corpus selecionado para busca foi o CETEMFolha, que é constituído de trechos de textos do jornal Folha de São Paulo, contendo 24 milhões de palavras e sendo caracterizado, segundo critérios fixados por SARDINHA (2004) como um corpus escrito; sincrônico; contemporâneo; de amostragem; estático; especializado; de língua nativa e de estudo.

Selecionado o corpus, realizou-se uma busca com o intuito de encontrar todas as ocorrências dos adjetivos *alto* e *baixo* associados aos morfemas derivacionais que indicam o grau superlativo sintético (*-íssimo*; *-íssima*). Essa busca foi realizada através da ferramenta localizar do programa *Microsoft Word*. Localizadas as ocorrências, num total de 219, estas eram copiadas para um arquivo em separado.

Encerrada a busca, passou-se à categorização dos dados para identificar os usos metafóricos e não metafóricos de *altíssimo(a)* e *baixíssimo(a)*. Em seguida, identificou-se os tipos de usos metafóricos. Essas categorizações deram base aos cálculos de frequência de ocorrência, apresentados em percentuais, cujos resultados serão apresentados na próxima seção. De posse desses números, passou-se à discussão dos mesmos à luz do referencial teórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já referido, o total de ocorrências de superlativo absoluto sintético encontradas associadas aos adjetivos *alto* e *baixo* foi de 219. Na Tabela 1, a seguir, são apresentados os números de ocorrências.

Tabela 1: Número de ocorrências, no corpus, de superlativo absoluto sintético associadas aos adjetivos *alto* e *baixo*:

	uso não metafórico	uso metafórico	TOTAL
<i>altíssimo(a)</i>	11	135	146
<i>baixíssimo (a)</i>	0	73	73
TOTAL	11	208	

Foram encontradas 146 ocorrências para *altíssimo(a)* e 73 ocorrências para *baixíssimo(a)*. No primeiro caso, houve 11 usos não metafóricos e 135 usos metafóricos. No segundo, encontrou-se somente usos metafóricos, em um total de 73.

A leitura minuciosa das ocorrências metafóricas permitiu conceber as seguintes categorias:

- (1) Economia: envolve unidades lexicais referentes à economia de mercado (ciência que estuda os fenômenos relacionados com a obtenção e

- utilização de recursos materiais necessários ao bem estar¹), tais como *juros, inflação, impostos, etc.*;
- (2) Qualidade: envolve unidades lexicais que expressam propriedades que determinam a essência ou a natureza de um ser ou coisa, tais como *eficiência, periculosidade, etc.*;
- (3) Índice: envolve unidades lexicais que expressam relação entre valores de determinada medida ou gradação, tais como *QI, grau de umidade, etc.*;
- (4) Sentimento: envolve unidades lexicais que expressam estados ou condições psicológicas, tais como *astral*.

Tais categorias aconteceram nos dados de ambos os adjetivos. A seguir, apresenta-se a Tabela 2, contendo os percentuais de ocorrência e os respectivos exemplos para cada categoria.

Tabela 2: Percentuais de ocorrência e exemplos referentes às categorias de usos metafóricos de *altíssimo(a)* e *baixíssimo(a)*:

	Categorias de usos metafóricos (expressas em percentuais)			
	Economia	qualidade	Índice	sentimento
altíssimo(a) ²	51,11	37,78	8,89	0,74
baixíssimo(a)	50,68	36,99	9,59	2,74

Alguns exemplos:

Economia:

(...) as **altíssimas** taxas financeiras levaram o país à recessão.

Ela tem sido vista como um recurso renovável de custo **baixíssimo** ou mesmo inexistente.

Qualidade:

(...) o presidente Itamar Franco deixa um notável, digamos, «pepino» a Fernando Henrique Cardoso uma **altíssima** popularidade.

Grande parte dessa doença econômico-social é disfarçada por ocupações eventuais ou de **baixíssima** produtividade.

Índice:

Contrastava com o **altíssimo** grau de umidade, tornando o calor muito pesado.

Este o examina e constata que tem QI **baixíssimo**.

Sentimento:

Eu o conheci em altíssimo **astral** como portador de novidades.

Civicamente, ando em baixíssimo **astral**.

Sobre os resultados e sua relação com o embasamento teórico da pesquisa, há dois aspectos a ponderar. Primeiramente, cabe referir SARDINHA (2007), segundo o qual o gênero de texto (ou o contexto comunicativo) privilegia o surgimento de determinadas metáforas. O autor, ao discorrer sobre metáforas da

¹ Dicionário Houaiss (2009).

² Para altíssimo, foram encontradas duas ocorrências que não se enquadraram em nenhuma das categorias propostas. São elas: altíssimo verão e altíssima tecnologia (correspondendo a 0,74% cada uma). Optou-se por não descrever estes dados juntamente com os demais. Por isso, o percentual para altíssimo na Tabela 2 totaliza 98,52%.

imprensa, cita ALTA como “palavra muito usada para exprimir a metáfora conceptual MAIOR É MAIS ALTO, o que é confirmado pela presente pesquisa.

Além disso, vale lembrar que ALTO e BAIXO, conforme SILVA (2006) refletem graus em uma escala de verticalidade. Seu uso estabelece a similaridade entre altura e quantidade. Neste caso, altura é o domínio-origem, que fornece atributos ao domínio-fonte quantidade. Assim, chega-se à formulação GRANDE QUANTIDADE É ALTO e PEQUENA QUANTIDADE É BAIXO. Esse processo se verifica nas metáforas categorizadas como do âmbito da economia (ex.: *juros altíssimos, salários baixíssimos*), da qualidade (ex.: *altíssima especificidade; baixíssima eficiência*), e do índice (ex.: *altíssimo QI; baixíssima audiência*).

No que se refere às metáforas usadas no âmbito do sentimento, entende-se que caracterizam metáforas orientacionais, no sentido de que BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO, o que se depreende do uso das expressões *altíssimo astral* e *baixíssimo astral* (LAKOFF e JOHNSON, 2002).

Em ambos os casos, tratam-se de metáforas convencionais, no sentido de que estão fortemente arraigadas em nossa cultura e, por consequência, nos usos. “De tão convencionada, poucas pessoas se dão conta de que estão falando metaforicamente quando a empregam” (SARDINHA, 2007, p. 119).

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior, que busca compreender os usos de superlativo absoluto sintético e analítico sob o ponto de vista da Linguística Cognitiva. Como contribuições, apresenta o fato de ser um estudo baseado em frequência, que, pelo número de ocorrências, acaba por revelar certas regularidades nos usos metafóricos associados a *altíssimo* e *baixíssimo*. Além disso, os resultados confirmam a existência de metáforas convencionais presentes em nossa cultura e já descritas na literatura da área. A continuidade e o aprofundamento dos estudos e da observação dos dados certamente conduzirão a novas reflexões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980. p.3.
- LIMA, P.L.C, et. al. Cognição e metáfora: a Teoria da Metáfora Conceitual. In: MACEDO, A. C. P. de, et. al. (Org.) **Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. 5, p. 127 – 166.
- SARDINHA, T.B. **Linguística de corpus**. Barueri: Editora Manole, 2004.
- SARDINHA, T.B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SILVA, A. S. da. **O mundo dos sentidos em português – polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Editora Almedina, 2006.